

Economia nacional ameaçada

Jornal de Brasília • 5

pela cólera

Marizete Mundim

A epidemia de cólera que ameaça entrar no País poderá ter repercussões desastrosas, não só para os cidadãos das áreas ameaçadas, mas também para a economia nacional. Técnicos do governo temem que tradicionais importadores de alimentos comecem a impor restrições sanitárias ao Brasil. Se isso acontecer, as perdas da balança comercial serão significativas: de janeiro a março, por exemplo, as exportações de carne, suco de laranja, soja, café e açúcar resultaram numa receita para o País de US\$ 1,377 bilhão. Estes são, apenas os principais produtos alimentícios exportados pelo País que podem ter seus saldos comerciais afetados drasticamente por restrições sanitárias.

Por enquanto, técnicos do governo procuram minimizar a ameaça, já que até o momento não houve nenhuma manifestação por parte dos importadores neste sentido. E, segundo eles, nem há razão fundamentada para tanto. Argumentam que a epidemia não entrou oficialmente no País; casos suspeitos estão restritos às áreas de fronteira, onde se produz muito pouco, ou nada; e, caso tais suspeitas venham a ameaçar os produtos brasileiros, o governo dispõe de meios para se defender. De qualquer forma, admitem que uma restrição aos produtos nacionais, neste momento, prejudicaria o plano de estabilização econômica em marcha.

Restrição política

Para os técnicos que cuidam do comércio externo do País, a possibilidade de restrições aos produtos nacionais com base na epidemia de cólera, que grassa no Peru, se ocorrer não terá base na realidade. "O

PRINCIPAIS PRODUTOS

Principais produtos primários (alimentícios) da pauta de exportações — comportamento janeiro-março de 1991

Produto	Participação na balança comercial (%)	receita (milhões de US\$)
Carne	2,35	183
Suco de laranja	2,38	185
Soja	6,15	480
Café	4,94	385
Açúcar	1,85	144

Gatt (Acordo Internacional de Tarifas e Comércio) tem normas e disciplinas que restringem o uso de medidas restritivas com base na "defesa sanitária", argumentou um dos especialistas. E adiantou que o Brasil lançaria mão deste fórum para discutir a questão.

Além disso, na avaliação dos técnicos da área de comércio exterior, caso a pressão ocorra, o País poderá até lançar uma campanha de convencimento dos compradores tradicionais, reunindo esforços dos ministérios da Saúde, Itamarati e Economia, para demonstrar que não há contaminação nos produtos brasileiros. "Uma das medidas é aceitar que nossa produção seja submetida a testes pelos compradores", exemplificou um deles.

Por outro lado, os assessores econômicos do governo argumentaram que um problema das dimensões do que aflige o Peru é acompanhado de perto pelos países desenvolvidos. "Trata-se de uma questão de segurança nacional, para eles, avaliar o risco das importações de determinadas regiões. Por isso mesmo (ou seja, ter a certeza de que a produção nacional não corre

o menor risco de contaminação) é que estes economistas estão tranquilos. Um deles brincou: eles podem até saber ao mesmo tempo que nós da efetivação desta contaminação.

Produtos afetados

No caso de o País vir a sofrer restrições nas suas exportações, os primeiros produtos a serem atingidos, segundo os técnicos, são: carne e industrializados de carne, que de janeiro a março representaram 2,35% da balança comercial; suco de laranja e concentrado, cuja participação na pauta de exportações foi de 2,38%; complexo soja, 6,15%; café, 4,94% e açúcar, 1,85%.

Somadas, as exportações desses produtos, de janeiro a março, chegaram a US\$ 1,377 bilhão. Qualquer restrição a eles, portanto, teria efeito significativo na expectativa do governo de saldo comercial. Mas os técnicos são unânimes em acreditar que esta ameaça, por enquanto, não existe concretamente. Todos estes produtos são produzidos em regiões localizadas abaixo do Centro-Oeste do País, onde não foi identificado nenhum risco de contaminação.